

MR35: Materialidades etnográficas: fabular com as coisas

Coordenação: Mylene Mizrahi (PUC-Rio)

Debatedor/a: Paulo Maia (UFMG)

Participantes: Vânia Z Cardoso (UFSC), Luciana Hartmann (UnB), Viviane Vedana (UFSC), Mylene Mizrahi (PUC-Rio)

Resumo:

Parafraseando a famosa expressão de Ingold (2012), há algum tempo a antropologia vem “trazendo as coisas de volta à vida”, entrelaçando noções acerca de materialidades e matérias, agência e vida, sujeitos, coisas e objetos, no projeto de repensar o lugar que as coisas ocupam na análise social. Uma questão que tem ocupado um lugar menor emerge em uma outra tensa confluência, aquela das propostas de autores como Gell (1998), de formular abordagens não “linguágicas” para os objetos, ou de Miller (1987), que nos remete ao “modo silencioso” com que a forma material nos ordena, ou de Ingold (2007) de que as propriedades dos materiais são histórias da experiência de sua ocorrência. Isso sugere que o “trazer as coisas de volta à vida” implica uma atenção à escuta, aos ritmos do ouvir e ao ouvir dos ritmos (Tsing e Ebron, 2015) no trabalho de campo e na escrita etnográfica. McLean (2017: xi) propõe que a antropologia seja uma “arte fabulatória”, capaz de atuar nos “interstícios entre mundos humanos” - o lugar clássico do encontro etnográfico - e nas “fronteiras do humano” - em suas múltiplas acepções de dissolução e criação. É este exercício fabulatório sobre as vidas e as coisas, sobre palavras e gestos, sobre escutas e ritmos, sobre coisas e os gestos de narrar que se pretende ensaiar nesta mesa.

Entre gestos e palavras: (des)fazendo coisas e estórias

Autoria: Vânia Z Cardoso

McLean sugere que um dos potenciais mais radicais da antropologia é o de minar as convenções que distinguem o ficcional do documental, ressaltando que isso não implica em um abdicar do real ou um ausentar-se desse em auto-absorção, sendo antes um mergulhar na viscosidade, confusão e proliferação do que é (2017). Para McLean, a ênfase em tal “arte fabulatória” (ibid) passa por um desvio de afinidades da antropologia em direção às artes e à literatura, mas, levando a sério o que Tsing e Ebron (2015) descrevem como os “ritmos característicos do trabalho de campo” - a escuta atenta aos ritmos de outras vidas, pontuada pela surpresa da antropóloga em campo - sugiro que a arte da fabulação reflete menos uma escolha entre arte e ciência do que uma atenção aos afetos e à composição de sensibilidades implicados no campo etnográfico. Retomando recentes e antigos encontros com clientes, filhos de santo e entidades da rua em várias sessões de consulta, onde antropóloga-cambona, entidades e clientes se (des)encontram em um intenso ritmo de movimento, sonoridades e olhares, me volto para o jogo de gestos, palavras, coisas, afetos, estórias, búzios e silêncios que se desdobram no fazer da consulta enquanto encontro que não se limita espacial ou temporalmente à sessão. Busco assim mergulhar nesses atos fabulatórios e em sua tensa composição daquilo que é e do que pode (não) vir a ser.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

